

Editorial

Mobiliário a História da Educação

Assento para professor, bancos para alunos, armários para guardar livros, carteiras para aulas de desenho, etc, etc, etc, são objetos que compõem o universo de mobiliários das instituições escolares em diversas regiões do Brasil e em outros países. Artefatos que expressam um tempo, um lugar, uma forma de ensinar, um modo de aprender e diferentes formas de produção, circulação e uso. Expressam, ainda, diversos elementos materiais para sua confecção (vidros, ferro, madeira, e muitos outros), regras e estratégias de mercado para atender diferentes consumidores e matrizes e valores pedagógicos, sociais, culturais e políticos.

Se por um lado, o mobiliário escolar é um dos itens mais presentes na produção que se alinha a cultura material escolar, particularmente aquele ancorado na perspectiva histórica, por outro, identificamos a ausência de iniciativas que agrupem produções afetas ao tema. Assim, este Dossiê pretende ser um espaço agregador de pesquisadores, análises e reflexões, sem a pretensão de esgotar o tema ou abarcar o universo da produção, mas com o intuito de fortalecer a área e o debate.

As várias abordagens, os diferentes sujeitos e os múltiplos usos do mobiliário escolar presentes nos artigos que compõem esse Dossiê, evidenciam a fertilidade, a abrangência dos debates sobre a cultura material escolar e, em especial, sobre o mobiliário presente no interior das instituições de ensino em todas as formas, modalidades e perspectivas - primária, secundária, normal, profissional, etc -.

Esse Dossiê inicia com o texto "El mobiliario escolar en España durante los primeros años del franquismo: Testimonios para su estudio" de autoria de Gabriel Barceló Bauzá e Bernat Sureda Garcia em que tratam das carteiras escolares descritas por 97 (noventa e sete) narrativas pedagógicas de estudantes das Escolas Normais rurais das Ilhas Baleares, Espanha, de 1939 a 1948. A documentação utilizada permitiu aos autores compreenderem as diversas modalidades desses móveis que constituíam o ambiente escolar do período e como os mesmos portam mensagens sobre momentos e transformações políticas.

Em “A carteira escolar está ‘apta para o seu destino’? argumentos e exigências sobre o mobiliário escolar em Exposições Universais”, Gustavo Rugoni de Sousa, Ana Paula de Souza Kinchescki e Vera Lucia Gaspar da Silva argumentam que este mobiliário é compreendido como um dos símbolos da educação moderna, a partir da segunda metade do século XIX, com a finalidade de atender as exigências pedagógicas e higiênicas da época. Assim, no trabalho analisam discursos que circularam através de relatórios das Exposições Universais, de catálogos de indústrias e em dicionários pedagógicos. Com base nessas fontes, os autores identificam mudanças nas exigências e nas tecnologias de construção do mobiliário escolar sob a influência desses eventos.

O processo de aquisição dos móveis escolares para as instituições primárias é tema do artigo de Gecia Aline Garcia e Gizele de Souza “Pistas e Indícios: uma investigação sobre o processo de aquisição mobiliário da escola primária paranaense (1884 – 1894)”, escrito com base no paradigma indiciário cunhado por Carlo Ginzburg. Perseguindo pistas e sinais recolhidos de artigos de jornais, leis, decretos, regulamentos da legislação escolar, cartas e iconografias as autoras interpretam e concluem que se configuraram diferentes modelos desses estabelecimentos e diversas formas supri-los na Província do Paraná nos oitocentos.

Sobre a mobília escolar expressa nos discursos de docentes brasileiros e argentinos nos séculos XIX e XX, Andréa Bezerra Cordeiro e Franciele Ferreira França descrevem, por meio do artigo “As palavras dos professores e as coisas da escola: materialidade escolar, mobília e fazeres docentes entre os séculos XIX e XX”, os elementos constitutivos do cotidiano escolar. No artigo abordam os sujeitos e as materialidades a partir de fontes que possibilitam compreender os discursos e a produção sobre a profissionalização docente, mobiliários escolares, destacando a importância dos estudos transnacionais que possam relevar a cultura escolar e a cultura material escolar no processo de expansão da escolar de massa.

“Questão de materialidade: a carteira escolar no Congresso da Instrução Pública do Rio de Janeiro (1883)”, de autoria de Etienne Baldez Louzada Barbosa e Juarez José Tuchinski dos Anjos, trata das relações entre as carteiras escolares e a sua materialidade tomando por base atos e pareceres desse evento, a partir de um duplo objetivo: compreender a organização do congresso e descrever os modelos mais adequados desse mobiliário para uso nas escolas cariocas.

No artigo “Rumo ao interior: móveis e objetos numa escola rural de Antônio Prado/RS (1899 - 1912)”, Terciane Ângela Luchese e Manuela Ciconetto Bernardi dão visibilidade a caminhos percorridos – produção, circulação e distribuição – por móveis e objetos escolares, desde sua feitura até chegar ao espaço de uma sala de aula, com base em documentação de uma escola rural localizada no interior do Rio Grande do Sul, mais precisamente no município de Antônio Prado. A análise documental recupera dados garimpados em um livro de registros de inventário da 5ª aula pública mista, entre os anos de 1907 e 1910, em correspondências, jornais, relatórios de intendentess e fotografias os quais são analisados à luz das contribuições da História Cultural e da História da Educação.

No artigo “Um mobiliário para o Ensino Profissional: notas sobre a carteira de desenho”, Júlia Naomi Kanazawa e Heloisa Pimenta examinam as carteiras voltadas para o ensino de desenho presentes no acervo da Escola Profissional Agrícola Industrial Cônego José Bento, da Cidade de Jacareí, entre as décadas de 1930 e 1950 quando mudanças curriculares ocorreram na instituição no âmbito do plano de expansão do ensino profissional do Estado de São Paulo. Tal estudo traz uma relevante contribuição para compreender a cultura material da escola como uma dimensão significativa da cultura escolar.

No artigo “O mobiliário das Escolas Cristãs no século XVII: um elemento humanizador” Clóvis Trezzi analisa a escola como espaço privilegiado de ensino e de aprendizagem a partir do seu XVII e, nesse contexto, surgem os mobiliários escolares e sua relação com os métodos pedagógicos adotados. A partir desse eixo analítico, o autor, aborda o mobiliário nas redes de Escolas Cristãs criadas por João Batista de La Salle na França que tinham uma função prática e social.

Rogério Andrade Maciel e Cesar Augusto Castro analisam a produção, a circulação e os métodos de ensino para as aulas de jovens e adultos na Cidade de Bragança, Estado do Pará, no período de 1961-1968 e a relação com o mobiliário escolar com a apresentação do artigo “As mobílias escolares nas escolas radiofônicas: uma análise sobre a produção, circulação e os métodos de ensino para os jovens e adultos na Amazônia bragantina (1961-1968)”. A partir das leis e dos livros de tomo da Diocese do município foi constatado que as mobílias eram confeccionadas por marceneiros da comunidade e distribuídas nos diversos círculos educativos e de cultura para alfabetização dessa clientela, tendo por base os princípios educativos propostos por Paulo Freire.

O trabalho escrito por Virgínia Pereira da Silva Ávila, Nilton Ferreira Bittencourt Junior e Dulcineia Cândida Cardoso de Medeiros que tem por título “Espaços, mobiliário escolar e práticas culturais no relatório de verificação das novas instalações do Ginásio Sagrado Coração de Senhor do Bonfim – Ba (1951)”, analisa os espaços, os mobiliários escolares e as práticas culturais presentes no Ginásio Sagrado Coração, localizado em Senhor do Bonfim – BA, em 1951 a partir do relatório do inspetor Othoniel Almeida Moura em que descreve o histórico da instituição, os espaços, o mobiliário escolar e as práticas culturais. Ao dialogarem com estudos da cultura material, cultura escolar e patrimônio histórico-educativo concluem que a estrutura física, o comportamento dos alunos e professores e os objetos seguiam padrões estabelecimentos nacionalmente.

Em “Mobiliário para escolas públicas de ensino primário em Caxias do Sul/RS (1890-930): vestígios da cultura escolar”, Samanta Vanz e José Edimar de Souza investigam esse nível de ensino nesse município gaúcho, tendo como referencial teórico a História Cultural e como *corpus* documental, correspondências de professores, inspetores escolares e intendentess municipais, inventários escolares, relatórios da intendência, atos e decretos e jornais. Concluem afirmando que o processo de escolarização atendia ao projeto republicano e que os móveis evidenciam as diversas formas de fazer e produzir cultura escolar, configurando-se como mediadores das relações entre os diversos sujeitos que integram as comunidades escolares.

Analisar a implementação do mobiliário escolar no Grupo Escolar de Lavras, cidade localizada na Região Sul de Minas Gerais, a partir da reforma da educação primária iniciada no governo de João Pinheiro no ano de 1906 é o foco central do artigo “Uma Nova Cultura Escolar: a Implementação de espaços e mobiliários no Grupo Escolar de Lavras – MG”, escrito por Jardel Costa Pereira e Jefferson da Costa Moreira a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental. O estudo apontou que a instituição acompanhou a ordenação de uma nova cultura escolar adotada nesse Estado a partir dos espaços, dos saberes e dos fazeres escolarizados.

Seguindo as reflexões dos autores Luciane Sgarbi S. Grazziotin, Eduardo Cristiano Hass da Silva e Estela Denise Schütz Brito apresentadas no artigo “Preservar para lembrar: vestígios da cultura material da escolar no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (1905-1940)”, objetos, mobiliário e fotografias nos relevam histórias sobre um tempo e

um lugar distante. Partindo desse pressuposto, analisam processos educativos na cidade de São Leopoldo/RS, entre os anos de 1905 e 1940 registrados em fontes salvaguardados no Museu Histórico Visconde São Leopoldo e entendem que o conjunto de objetos analisados contribuem para compreensão da História da Educação local e geral.

Além desses artigos, integram este Dossiê, uma entrevista e uma Resenha. A entrevista foi realizada por Gustavo Rugoni de Sousa com Marcus Levy Bencostta, professor e pesquisador da Universidade Federal do Paraná e referência na investigação que toma por base o mobiliário escolar em perspectiva histórica. Nas respostas Marcus Levy discorre sobre a produção historiográfica e o potencial das pesquisas sobre a cultura material escolar destacando sua relevância.

A Resenha, de autoria de Geia Aline Garcia apresenta dados e reflexões sobre o livro “Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades”, por nós organizado com o intuito de reunir produções de autores brasileiros e estrangeiros que têm sido referências nas discussões sobre cultura material escolar em perspectiva histórica.

Importante destacar que esse conjunto de estudos revela o lugar da cultura material escolar demarcado no campo da história da educação. Mais do que isso, explicita o lócus de reflexão e percursos de investimentos realizados por grupos de pesquisas dedicados ao tema. O Dossiê sobre Mobiliário Escolar integra e expõe tal força narrativa e interpretativa da produção em cultura material escolar.

Desejamos uma boa leitura a todos e esperamos que esse conjunto de artigos estimule pesquisadores na ampliação e aprofundamento das investigações sobre a cultura material escolar, em especial, sobre o mobiliário presente no cotidiano das instituições escolares em diferentes tempos e espaços.

Vera Lúcia Gaspar da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Gizele de Souza
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Cesar Augusto Castro
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

